

## Transmissão transgeracional inconsciente da branquitude

MELINA GARCIA GORJON\*

**Resumo:** É possível a transmissão transgeracional inconsciente da branquitude? Tal pergunta baliza esta produção textual, para respondê-la investiga-se o conceito de transmissão psíquica transgeracional junto ao conceito de branquitude. O ponto de partida é a definição de sujeito do inconsciente como constituído nas relações e por isso, estruturado por aspectos culturais e sociais. Além disso, entende-se que a branquitude não é apenas uma categoria de análise social sobre a posição estrutural de vantagem de pessoas brancas, mas também uma categoria que abarca a questão da subjetividade e do inconsciente.

**Palavras chave:** Branquitude; Racismo; Transgeracionalidade; Transmissão inconsciente; Herança psíquica; Psicanálise

### Unconscious transgenerational transmission of whiteness

**Abstract:** Is it possible the unconscious transgeracional transmission of whiteness? This question contour this textual production and, in order to respond that, it's necessary an investigation of the concept of transgeracional psychic transmission with the concept of whiteness. We start from the conception of the unconscious subject as constituted in the relations and therefore, it is structured by cultural and social aspects. Moreover we understand that whiteness is not just a social analysis category about the structural position of advantage of white people, but it is also a category who embrace the subjectivity and the unconscious.

**Key words:** Whiteness; Racism; Transgenerationality; Unconscious transmission; Psychic inheritance; Psychoanalysis.



\* MELINA GARCIA GORJON é Psicóloga clínica e Mestra em Psicologia e Sociedade pela UNESP-campus de Assis-sp. Psicanalista em de- formação. E-mail: [gorjon.melina@gmail.com](mailto:gorjon.melina@gmail.com)

## Introdução

*Sei que em algum lugar cobiço a fantasia de que posso ser completamente desfeita, minha branquitude apagada...No entanto, sou confrontada repetidamente com turbulências. Não importa o que eu faça, sempre reterei o poder associado a ser branca... Quero oferecer-lhes uma solução, mas também sei que não existe, apenas um processo contínuo de abertura (SUCHET, 2007, p. 880).*

Apresentar a dimensão do “psíquico” ou do “inconsciente” não é uma forma de reduzir o problema do racismo ao plano individual, retirando o peso estrutural e social da análise. Privilegiamos uma definição de psiquismo dinâmico e do inconsciente (Ics)<sup>1</sup> construído na relação, conforme o que René Kaes (2014, p. 41) propõe,

O inconsciente de cada sujeito traz traços, em sua estruturação e em seus conteúdos, do inconsciente de outrem, e até de mais de um outro [...] o inconsciente inscreve-se e produz seus efeitos em numerosos espaços psíquicos, em numerosos registros e em diversas linguagens, de cada sujeito e da própria relação.

Tal concepção de Kaes, diferencia-se de Freud e alarga o conceito, pois nos primeiros trabalhos de metapsicologia de Freud, como em “A repressão” (1915/2010a) e “O inconsciente” (1915/2010b), o autor conceitua o Ics como proveniente da herança filogenética e atuando de forma individual. Mais tarde, em seus trabalhos clínicos, Freud mantém a ideia de que o Ics é pessoal, mas demonstra como é possível ter uma relação de um Ics para o outro na dinâmica da análise, como podemos observar em textos como “O eu e o id” (1923/2011).

<sup>1</sup> Abreviação que será utilizada para o termo ao longo do texto.

Conforme demonstrado por Maria Aparecida Bento (2001, p.160) o Ics não é o “desconhecido ou não exprimível, mas sim fenômenos que têm uma força não domável, intensa, que atuam persistentemente e que tem uma lógica e dinâmicas próprias que obedecem a processos primários”. Se o Ics é dinâmico, é construído a partir do encontro com o outro, com a cultura, com o social; perguntamos então, o que compõe o Ics? O Ics, como propõe Kaes (2019), é composto por pulsões que foram recalçadas, negadas e foracluídas<sup>2</sup> (rejeitadas), estas três são formas defensivas para experiências de desprazer ou de prazer que são insustentáveis para a instância do eu. A ideia de que o recalçado é incognoscível, ou seja, jamais virá a consciência, se baseia na concepção de que o recalçado só se expressa e retorna à consciência por meio de um disfarce, sempre sofrendo um processo secundário psíquico, por meio de um sintoma ou sonho, por exemplo.

Assim sendo, dizer que o que é recalçado, portanto Ics, jamais será conhecido não significa dizer que o

<sup>2</sup> Conceito originalmente cunhado por Jaques Lacan, definido como uma defesa da psicose na qual se rejeita o significante do Nome-do-Pai. Aqui, Kaes (2019) utiliza o foracluído como sinônimo do que é rejeitado (*Verwerfung*) na concepção Freudiana.

sujeito “não sabe”, pois ele sabe, ele viveu, ele experimentou aquela sensação. Freud já nos alertou sobre isso, ao dizer que,

...em vez de adotarmos a hipótese de pensamentos inconscientes, dos quais nada sabemos, seria melhor supor que a consciência pode ser dividida, de modo que alguns pensamentos ou outros eventos psíquicos podem formar uma consciência à parte, que se desprende da massa principal da atividade psíquica consciente e tornou-se alheia a ela (FREUD, 1912/2010, p. 198).

Para exemplificar tal noção trazemos a concepção de Karen Horney (1966), ao dizer que “os críticos da Psicanálise sustentaram que, na realidade nós nunca descobrimos algo que seja completamente inconsciente para o paciente; sabia da sua existência, apenas, não conhecia a importância dos efeitos sobre a sua vida” (HORNEY, 1966, p. 20, 1966), ou seja, para a autora, a ideia de que o sujeito não tem conhecimento sobre o Ics é uma falácia. O fato é que o sujeito não dá a devida importância e não pensa<sup>3</sup> a respeito de certas ações, desejos e inibições, pois a compreensão das ações não é “só o conhecimento da sua existência, mas também a consciência da força e da influência dessa atitude, da mesma forma que o entendimento das suas consequências e das funções que desempenha” (HORNEY, 1966, p. 21). Portanto, para a autora, algo está Ics quando não é pensado e não se conhece

a força exercida e função desse algo em nossa vida.

É comum que, a partir de uma leitura superficial da teoria psicanalítica, acredite-se que se algo está Ics é algo desconhecido, portanto, sem implicação do sujeito, ou seja, como se o Ics fosse um outro que habita o sujeito, como se existissem dois sujeitos distintos, o sujeito do Ics e o sujeito do consciente, e cada qual devesse assumir posições próprias a cada um. Tal separação é ilusória, uma defesa para lidar com as consequências dos impulsos inconscientes que se realizam e causam prejuízos aos outros e a si mesmo. Posto isso, como diz Horney (1996, p. 22) “expulsar da consciência certos impulsos, ou não admitir certos impulsos na consciência, não impede que eles existam e se tornem efetivos”, além disso ela aponta que “os motivos inconscientes assim permanecem porque temos interesse em não nos darmos conta dele”. Caso não consideremos a questão do inconsciente, corremos o risco, como pontua Kelly Oliver (2004, p. 23) de negar aquilo que, nos bastidores, dirige e move nossas ações.

Por conseguinte, ao tratarmos sobre elementos inconscientes da branquitude, na subjetividade e na relação intersubjetiva, não o fazemos com o intuito de retirar a implicação do sujeito do consciente nas consequências de suas atitudes inconscientes investidas na branquitude, visando a autopreservação e a manutenção do seu lugar de poder. Para corroborar com tal ideia vale ressaltar que, conforme Lia Schucman (2014, p. 84)

<sup>3</sup> Para Bion (1994a, p.129), a capacidade de pensar só pode ser alcançada com a tolerância de frustrações. Bion (1994a) acredita que o pensar é uma instância, uma faculdade desenvolvida pelos sujeitos para dar conta dos pensamentos “selvagens”, para conseguir domá-los.

A branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade.

Buscamos colocar em debate que os aspectos inconscientes têm uma grande importância quando pensamos na branquitude, pois o poder da branquitude é

...uma rede na qual os sujeitos brancos estão consciente ou inconscientemente exercendo-o em seu cotidiano por meio de pequenas técnicas, procedimentos, fenômenos e mecanismos que constituem efeitos específicos e locais de desigualdades raciais. (SCHUCMAN, 2012 p. 23).

Tendo em vista tais conceituações de branquitude e Ics, ressaltamos a importância de mapear os elementos inconscientes transmitidos pelas gerações, compreendendo as funções e os efeitos nas relações. Este artigo irá se ater a demonstrar como é possível a transmissão transgeracional inconsciente da branquitude e por quais meios ela ocorre, mas é importante ressaltar que não basta apenas demonstrar, não entraremos na discussão aqui, mas a análise não se encerra na transmissão, ela continua ao descrever os tipos de elementos inconscientes, as suas funções e efeitos e, principalmente, as suas interrupções.

#### **A transmissão do inconsciente**

Kaes (2001) é um dos autores que mais contribuiu para a discussão da transmissão psíquica. Ao tratar o “sujeito da herança” ele narra que Freud

já nos dava pistas para pensar a transmissão psíquica do Ics, por meio de obras como “Psicologia das massas e do Ego” (1921/1990) e “Totem e Tabu” (1913/1990). Kaes (2001) afirma que Freud deixa um legado para pensar a transmissão psíquica, ao propor que a constituição da psique humana é intersubjetiva, relação entre os sujeitos, e intrapsíquica, relação do sujeito com ele mesmo, nesta última temos as concepções de “Id hereditário, do Ego que deriva do Id, do Superego herdeiro do complexo de Édipo e, portanto, do Superego dos pais” (KAES, 2001, p. 11). Tanto na dimensão intersubjetiva quanto na dimensão intrapsíquica entendemos a importância da herança e da transmissão geracional. Tal questão é importante para Freud na medida que

...a questão da transmissão psíquica corresponde inicialmente a uma tentativa de tratar um problema narcísico: a do Ego que, recusando inscrever-se numa herança e numa linhagem, no momento do nascimento e no momento da morte dos pais, pode dessa forma se pensar autogenerado, presente desde sempre, desde o tempo das origens, fora da ferida da história? Ora, a origem é precisamente o que nos escapa, aquilo de que estamos irremediavelmente ausentes, e que foge ao nosso controle no próprio movimento em que somos constituídos no e pelo desejo de um outro, e, além do mais, de um outro que nos precede (KAES, 2001, p. 11).

O que nos é transmitido, propõe Kaes (2001, p. 12), através das gerações, não deve nos colocar na posição de “horror de ter nascido” ou da “ferida narcísica”, mas deve ser material que confronte a nossa “onipotência” do ego (eu). Ele defende que a transmissão psíquica é

estruturante do sujeito e nos auxilia a formar nossa identidade, adentar no mundo simbólico, a perceber os nossos limites e a se relacionar com os outros.

Para Kaes (2001, p. 12) o que está em jogo na transmissão “é a formação do Inconsciente e dos efeitos de subjetividade que, produzidos na intersubjetividade, dela derivam”. Os sujeitos, e o seus inconscientes, se constituem a partir de um grupo social, familiar, institucional, assim, “o grupo precede o sujeito do grupo” (KAES, 2001, p. 13), ou seja, já nascemos dentro de um grupo, sem escolhê-lo. Antes de nos tornarmos sujeitos de nós mesmos, somos investidos por diversas relações intersubjetivas de sujeitos que nos precedem, esses os quais “nos mantêm como servidores e herdeiros de seus ‘sonhos de desejos insatisfeitos’, de seus recalcamientos e de suas renúncias, na malha de seus discursos, de suas fantasias e de suas histórias” (KAES, 2001, p. 13).

Kaes (2001, p. 13) afirma que o “sujeito é primeiro um ‘intersujeito’”, ele só toma posse de si mesmo a partir dos efeitos da sua pré-história sendo atualizados e pensados na sua existência presente. É no grupo que somos apresentados ao mundo, seus interditos, identificações, limites, e o grupo é que produz meios de sustentar os recalcamientos, abdições às pulsões que todos devemos fazer para nos inserirmos no coletivo. O sujeito herda das gerações os significantes específicos daquela cultura e vai incorporar alguns e outros toma como coisa “estrangeira, ou estranha quando lhe for imposta, presença obscura e desconhecida dentro dele de um outro ou de mais de um outro” (KAES, 2001, p. 14).

O modo como herdamos os elementos inconscientes, de acordo com Kaes (2001, p. 14), é por “apoio, identificação, incorporação, com suas exigências próprias e suas coerções de recalcamientos, contraditórios ou convergentes.” O que está sendo transmitido, de acordo com o autor, são idealizações, referências nas quais nos identificamos, ritos, mitos, mecanismos de defesa e parte da nossa capacidade de recalque. Para o autor, transmite-se ainda, sintomas e traumas sofridos social e politicamente. A transmissão psíquica tem sido investigada em sua falha, a qual o autor afirma acontecer por encriptação, forclusão ou rejeição, ou seja, aquilo que não é metabolizado, elaborado, simbolizado pelos sujeitos e que é transmitido para outrem, pois transmitimos para um outro “o que não pode ser mantido e albergado” (KAES, 2001, p. 17) em nós.

O que não podemos manter e transmitimos é o “negativo<sup>4</sup>” da transmissão, que é a “não-transmissão, ou as transmissões do inerte, do objeto morto, dos enquistamentos e das fossilizações psíquicas” (KAES, 2001, p. 17). A transmissão se dá no que falha, por exemplo, nas teorizações de Freud é possível observar isso quando “o narcisismo da criança apoia-se sobre o que falta na realização dos ‘sonhos de desejo’ dos pais” (KAES, 2001, p. 20). Contudo, para Kaes (2001, p. 20) existe uma “negatividade mais radical” na qual a transmissão não se reduz só ao

---

<sup>4</sup> Para Kaes (2014, p.103) o negativo diz respeito à falta, fracasso e impossibilidade, e é objeto das defesas de negação ou rejeição. Vale ressaltar que o negativo está presente tanto nas alianças benéficas que possibilitam nossa convivência em sociedade, por exemplo a repressão da pulsão destrutiva do outro; e presente nas alianças alienantes.

que falha, mas ao que não se inscreve na representação. É um afeto que é transmitido de forma bruta, sem ter sido lapidado, o que torna mais difícil que esse afeto possa ser reinscrito, retomado e elaborado pelo sujeito que recebe essa transmissão. Além disso, o sujeito herdeiro pode “tirar disso um cruel benefício” (KAES, 2001, p. 23), e por isso questionamos, se a branquitude seria um negativo transmitido do qual se tira um benefício cruel.

Há urgência em transmitir e em interromper a transmissão, a força da urgência é expressa de diferentes modos por “depósitos, enquistamentos, projeção ou rejeição do não-recalcado” (KAES, 2001, p. 17). Ademais, para o autor, nem tudo que é transmitido fica inacessível para os sujeitos, sempre existem traços que nos dão pistas do que está ligando as gerações, ora expresso no sintoma, ora nas defesas do eu. Tal ideia liga-se à proposta da introdução deste texto, de que o Ics não é desconhecido, mas passa despercebido pelo sujeito e não possui representante simbólico.

Conclui-se que, conforme Kaes (2001, p. 19-20), o que é transmitido e, portanto, herdado pelo sujeito tem uma face estruturante e outra alienante; a estruturante é o que dá contornos, apoio e sustento, e é possível inferir uma aproximação dessa ideia com os elementos  $\alpha$  (alfa) propostos por Bion. Deste modo, a face alienante seria relativa àquilo que é destrutivo ao sujeito, que o ameaça ou um estranho que o sujeito não se identifica, e seria próximo ao que Bion (1994a) propõe como elementos  $\beta$  (beta). Cabe-nos indagar, que estranho é esse que habita em nós sujeitos da branquitude o qual negamos e transmitimos?

## A transgeracionalidade da branquitude

Segundo Vinícius Santos e Mercês Ghazzi (2012, p. 641) “a transmissão psíquica intergeracional é entendida como um trabalho de ligações e de transformações entre os sujeitos, no qual a passagem de uma geração à outra é acompanhada por uma modificação daquilo que é transmitido”. Tal transformação ocorre por meio dos significados e ideias que estão permeando o contemporâneo daquele sujeito. Já a transmissão psíquica transgeracional, em ressonância com Santos e Ghazzi (2012), é transmitida pelas gerações, e aliena o sujeito de si mesmo, minando sua capacidade de fazer transformações; ou seja, é a parte negativa da transmissão, negativo como falta de correspondente simbólico, de representação.

Confirma-se, deste modo, a hipótese já trazida por Kaes (2001), de que a dimensão negativa da transmissão transgeracional, é constituída por “formas de negação usadas para dar conta das vivências traumáticas” (SANTOS; GHAZZI, 2012, p. 642). Nesse ponto, acreditamos que a transmissão Ics da branquitude é transgeracional, pois sua posição de poder se mantém. Sendo transgeracional o elemento principal de defesa da branquitude seria a negação e para corroborar isso buscamos a psicanalista Grada Kilomba (2019). A autora, ao narrar sobre o passado colonial, afirma a existência do medo do senhor branco de que a(o) negra(o) roubasse e comesse o cacau da plantação. A autora diz que o medo é de o senhor branco reconhecer a si mesmo como aquele que roubou e usurpou a vida das pessoas negras.

No racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial: 'Elas/es querem tomar o que é Nosso, por isso Elas/es têm de ser controladas/os' [...]. Este fato é baseado em processos nos quais partes cindidas da psique são projetadas para fora, criando o chamado 'Outro', sempre como antagonista do 'eu' (self). Essa cisão evoca o fato de que o sujeito branco de alguma forma está dividido dentro de si próprio, pois desenvolve duas atitudes em relação à realidade externa: somente uma parte do ego – a parte "boa", acolhedora e benevolente – é vista e vivenciada como 'eu' e o resto – a parte "má", rejeitada e malévola – é projetada sobre o 'Outra/o' como algo externo. O sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o (KILOMBA, 2019, p. 34-37).

A partir da noção que Kilomba (2019) apresenta, podemos responder à pergunta de que o que é negado e transmitido na branquitude, a partir da negação seguida da projeção, são defesas atuantes nas quais o eu/ego ou o *self*, como Kilomba (2019) chama, sempre procurará se defender de qualquer tipo de aniquilação, uma desestabilização que acontece quando somos confrontados pela diferença do outro. A autora detalha, por meio do que havia sinalizado Paul Gilroy, os mecanismos de defesa do ego que nós, pessoas brancas, atravessamos para "tornar consciente de sua [nossa] própria branquitude" (KILOMBA, 2019, p. 43) e do racismo que perpetuamos.

A negação, vem primeiro e se caracteriza por uma "recusa em admitir os aspectos desagradáveis da realidade externa, bem como sentimentos e pensamentos internos" (KILOMBA, 2019, p. 43), em seguida vem as defesas de cisão do eu e a projeção para fora si, num outro. Após esses mecanismos segue a culpa, definida como um estado no qual "o indivíduo vivencia o conflito de ter feito algo que acredita que não deveria ser feito ou, ao contrário, de não ter feito algo que acredita que deveria ter sido feito" (KILOMBA, 2019, p. 44), nesse caso a culpa aparece como uma preocupação com o que pode ter de consequência para o sujeito. Para a autora, a culpa constrói-se a partir de um ato já cometido, como o racismo, assim ela estrutura duas respostas decorrentes da culpa; uma é a racionalização, na qual o sujeito tenta se justificar por meio de uma lógica, e a outra seria responder com descrença, que é característico quando o sujeito esboça a frase "para mim não há negras/os ou brancas/os, somos todos humanos" (KILOMBA, 2019, p. 45).

Atingimos, com a análise de Kilomba, a comprovação de que na base da subjetivação da branquitude estão diversos mecanismos de defesa alienantes de seu lugar de opressora. É importante salientar, consoante com Oliver (2004), que ao falar de alienação<sup>5</sup>, não estamos falando do que propõe Lacan a respeito da alienação

---

<sup>5</sup> Oliver (2004) conduz uma discussão ampla sobre a alienação, afirmando que a violência que constitui o "tornar-se sujeito" é diferente da alienação fruto da opressão de determinados grupos sociais. A autora constrói uma contra argumentação dos conceitos de alienação de Sartre, Heidegger, Hegel e Lacan, que podem ser usados para desqualificar a diferença, a qual ela propõe, entre opressão racial e a função estruturante da alienação de si.

inerente a constituição do sujeito, que ocorre no estágio do espelho e é efeito da divisão do mundo externo e interno. Posto que, de acordo com Oliver (2004), vários críticos à teoria racial, em especial, dos estudos de branquitude na psicanálise, se servem da teoria lacaniana para sugerir que a opressão racista seria só mais versão da alienação que ocorre em todos os sujeitos, igualando a violência racial a qualquer tipo de violência ou sofrimento subjetivo. Oliver (2004), retomando Frantz Fanon, afirma que a alienação a qual seria supostamente inerente a todos, não ocorre da mesma forma, ou melhor, ocorre duplamente para os sujeitos colonizados não brancos, os quais são lançados em um mundo de significado já criado pela branquitude. Além disso, Oliver (2004, p. 23, tradução nossa) afirma que “o privilégio [de nós brancas(os)] da autonomia e da construção criativa de significado foi comprado ao custo daqueles considerados inferiores...incapazes de fazer significado”.

Outra contribuição importante, para apoiarmos nossa tese de transmissão transgeracional da branquitude em sua dimensão negativa, é de Eliana Reis (2019). A autora nos guia a pensar como o trauma não pode ser reduzido à história pessoal, ele está inserido em um contexto social e cultural, portanto ele pode ser transmitido de geração em geração. A transmissão do trauma não se dá “pela comunicação verbal; ela transita através de outros meios, como modos de ser corporais, hábitos e modos de existência” (REIS, 2019, p. 51). Com a autora, também confirmamos a hipótese de que o que se

transmite é algo que não tem memória<sup>6</sup>, são sensações inconscientes que não foram recalçadas, sem um processo psíquico ativo, como o pensar. Deste modo,

...consideramos que a memória enquistada no corpo como gestos e modos de agir e mesmo de ser é transmitida de uma geração a outra por caminhos obscuros, de inconsciente a inconsciente, através de pequenos restos, de sinais insignificantes para a consciência, mas que atingem seu alvo com precisão por meio da comunicação indicial (REIS, 2019, p. 54).

Reis (2019) utiliza a teoria de afetos de vitalidade de Daniel Stern para dar contorno à noção de transmissão como sendo não-verbal, não pensada, pois “os afetos de vitalidade são marcas sensoriais que emitem sinais intensivos a serem captados por um sistema inato e servem como mapeamento afetivo/cognitivo do ser humano” (REIS, 2019, p. 55). Além disso, a autora pontua que a transmissão desses afetos é possível, pois temos uma tendência a imitar de maneira inconsciente sem que isso passe por qualquer crivo de representação, ou seja, uma captação imediata desses afetos.

Reis (2019) então parte para a questão da transmissão de aspectos do racismo que são transmitidos nas gerações das famílias brancas, mesmo que a autora não utilize o conceito de branquitude iremos aliar suas ideias a tal conceito. Reis (2019) irá defender que

---

<sup>6</sup> “Sem memória” aqui é posto no sentido de algo que é transmitido de forma espontânea e “naturalizada”, por imitação, sem que o sujeito perceba a transmissão.

Valores, crenças, afinidades e aversões são processos de subjetivação coletivos que produzem e reproduzem modos de ser e sentir, nos quais valores como o racismo, se apresentam entranhados em nossos afetos mais íntimos e secretos. Mas a transmissão não se reduz às experiências individuais legadas por um indivíduo a seus descendentes e sim à de uma perpetuação repetitiva de certos modos de subjetivação que constituem o caráter de um povo... (REIS, 2019, p. 60).

Com isso, confirmamos outra hipótese, a de que os elementos inconscientes transmitidos na branquitude possuem conteúdos não representáveis, que foram imitados pelos herdeiros. Outra ideia importante trazida por Reis (2019, p. 61) é que “não é preciso que uma família seja racista” explicitamente, pois esses elementos inconscientes permeiam o grupo social da branquitude como um todo, ou seja, a transmissão que tratamos aqui não é a que se dá “no plano consciente e discursivo” (REIS, 2019, p. 61). Um exemplo que ilustra tal questão é “quando uma pessoa branca cruza com um homem negro numa calçada à noite, qual é a sua sensação? Falo de sensação e não pensamento porque é alguma coisa que age antes que possamos pensar” (REIS, 2019, p. 61). A partir dessa citação temos um exemplo das sensações sem representação que circulam no Ics, um regime não-verbal que nos é transmitido, repetido e transmitido novamente.

Voltemos a questão da branquitude como o negativo que é transmitido, a branquitude seria permeada por elementos  $\beta$  não digeridos, pois os aspectos inconscientes que são

transmitidos são sensações e gestos não pensados. Segundo David Zimerman (2004) os conceitos de função  $\alpha$  (alfa) e elementos  $\beta$  (beta) são fruto do que Bion veio a chamar de “teoria do pensar”. Zimerman (2004) afirma que na busca por exemplificar como se dá o pensamento, Bion se serve da metáfora da relação mãe-bebê, ou melhor colocado, da relação bebê-cuidadores, e de como isso influencia na aquisição da capacidade de pensar. Existe uma frustração que o bebê experimenta na sensação de “não seio”, ou seja, pela frustração em não ter o alimento e a ânsia de satisfazer o desejo. A tolerância da frustração faz com que o sujeito desenvolva a função  $\alpha$  “a qual integra as sensações provindas dos órgãos dos sentidos com as respectivas emoções”, os elementos  $\beta$  se formam quando não é possível tolerar a frustração e eles “não se prestam à função de ser pensados, pois são tão abrumadores que precisam ser imediatamente aliviados” (ZIMERMAN, 2004, p. 131).

Desta forma, propomos que os elementos transmitidos pela branquitude são elementos  $\beta$ , pois os aspectos que a constituem inconscientemente podem ser entendidas como “experiências sensoriais e emocionais muito primitivas e que adquirem uma natureza de ‘coisas em si mesmas’, concretas, portanto não puderam ser pensadas até um nível de conceituação ou de abstração, como é o destino dos elementos  $\alpha$ ” (ZIMERMAN, 2004, p. 131). Seguindo Zimerman (2014), Bion se serve da definição de elementos  $\beta$  para falar das partes psicóticas da personalidade e também dos casos de

esquizofrenia e psicoses<sup>7</sup>, na qual as principais defesas atuantes são a cisão maciça do eu e as identificações projetivas. O efeito dessas defesas é a incapacidade de simbolizar do sujeito, a linguagem concreta, a falta de discriminação e a abstração. Podemos sugerir que os elementos  $\beta$  são transmitidos na branquitude, pois para manter o poder, a branquitude irá se servir justamente da negação, cisão do eu e projeção no outro, ideia que é corroborada com o que propõe Kilomba (2019), na negação do outro não-branco e na identificação projetiva, na qual expulsa de si suas partes ruins e projeta no outro. Kilomba (2019), liga ao conceito de repressão de Freud a incapacidade da branquitude em se reconhecer como violenta e opressora, pois

...uma vez confrontado com verdades desconfortáveis dessa história muito suja, o sujeito branco comumente argumenta ‘não saber...’, ‘não entender...’, ‘não se lembrar...’, ‘não acreditar...’ ou ‘não estar convencido...’. Essas são expressões desse processo de repressão, no qual o *sujeito* resiste tornando consciente a informação inconsciente, ou seja, alguém quer fazer (e manter) o conhecido desconhecido (KILOMBA, 2019, p. 42, grifo da autora).

Acrescentamos aqui que o tipo de repressão que se dá não é pela via do recalque, é pela via da rejeição ou

foraclusão, Kilomba (2019) já nos dá a pista quando fala da cisão e projeção no outro. Para Kaes (2014, p. 44) ao pensar as alianças inconscientes que os sujeitos fazem entre si nos grupos e na família através das gerações, diferencia a repressão pela via do recalque e as de foraclusão e rejeição (ou denegação). O recalque é uma via de repressão que coloca no Ics experiências de prazer e desprazer que ameacem a estabilidade do sujeito, o recalque tem uma função estruturante de formar nossa capacidade de se relacionar em sociedade, afinal é necessário que algumas pulsões não sejam livremente escoadas no mundo, além disso “o recalque no inconsciente instaura o mesmo” (KAES, 2014, p. 45, grifo do autor). Para Kaes (2014), as alianças intersubjetivas nos grupos e famílias que tem por base a foraclusão e rejeição são alianças alienantes, diferente das alianças de recalque. Posta dessa maneira, o que está sendo transmitido transgeracionalmente, sem transformações no presente, são aspectos inconscientes alienantes, elementos  $\beta$ , os quais são a dimensão negativa da transmissão. Na branquitude não há elementos  $\alpha$ , elementos que foram pré-elaborados pelas gerações passadas, e que nos foram transmitidos como um material intergeracional, com mudanças, transformações e questionamentos.

Outra contribuição da evidencia da transgeracionalidade do Ics, vem da psicanalista Marion Minerbo (2019, p. 20, grifo nosso), ao afirmar que o próprio “supereu se constitui não *sobre* o modelo de pais, mas *do* supereu dos pais”. Minerbo (2019) constata a importância que o Ics dos pais tem na constituição do psiquismo dos filhos, e com essa constatação ela traz os

---

<sup>7</sup> Não se quer igualar um sujeito que sofre com uma psicose e os sujeitos da branquitude, queremos demonstrar que as defesas presentes nas psicoses, também podem estar presentes na branquitude em sujeitos que não sofrem de nenhum transtorno mental. Aliás, vale lembrar que as defesas típicas das psicoses não estão restritas a estas, pois em todos sujeitos tais defesas atuam em alguma medida.

elementos  $\beta$  de Bion, dizendo que os elementos inconscientes que estão clivados e recalçados no Ics dos pais, vão “emitir elementos em estado bruto, não digeridos, não integrados” (MINERBO, 2019, p. 20) para os filhos. A autora vai dividir em dois tipos de elementos  $\beta$  que podem ser emitidos, os eróticos, ligados aos núcleos neuróticos dos sujeitos, e os tanáticos, ligados aos núcleos não-neuróticos os quais são relacionados a questões narcísicas. Ambos elementos são inconscientes, o que se difere é qual tipo de defesa acionam, os de núcleos neuróticos tem o recalque como defesa principal e os de núcleos não-neuróticos tem a clivagem, a rejeição ou foracluído. A noção de Minerbo (2019) de núcleos neuróticos e não-neuróticos, se liga a ideia de Bion (1994), o qual vai propor que todos nós somos formados por partes psicóticas e não psicóticas, portanto essa conceituação não diz respeito a estruturação clássica da psicanálise que divide o psiquismo dos sujeitos em estruturas fixas de neurose, psicose e perversão. Portanto, afirma-se que o que habita em todos os sujeitos, mesmo aqueles que possuem em sua maior expressão uma típica estrutura neurótica ou psicótica ou perversa, são núcleos ou partes de todas as três estruturas. Entendemos que cada parte pode ser acionada ou não a depender das experiências dos sujeitos, tal ideia contribui para afirmar que os aspectos inconscientes da branquitude estão localizados na parte psicótica (não-neurótica) e na parte perversa dos sujeitos.

## Conclusão

Ao longo do artigo foi demonstrado como é possível a transmissão psíquica transgeracional da branquitude, como ela se dá no conflito psíquico desviado ou contido, e o tipo de matéria prima que está sendo transmitida entre as gerações, que é a dimensão negativa não simbolizada, afinal

Trata-se de eventos traumáticos antigos, de um passado mantido em silêncio, de feridas transmitidas tais quais de geração em geração, sem transformação e sem memória. Esse não simbolizado é o resultado do trabalho da morte. Ele vincula as gerações, confunde os psiquismos e os desconjunta num único movimento. Ele os desconjunta em razão dessa própria confusão, fabrica a ambiguidade da relação entre as gerações (KAES, 2014, p. 76).

É justamente esse não-simbolizado da ferida que se transmite, uma transmissão que acaba alienando os sujeitos enodados no tecido geracional. Como corroborado anteriormente, Kaes (2001) afirma que o sujeito herda os significantes da cultura que está inserido, mas pode tomar eles pra si ou não. Isso é evidenciado quando pessoas brancas não se reconhecem, não se identificam como beneficiárias da estrutura racista, ou seja, não há uma identificação com o significante da branquitude como lugar de poder. Tanto a não identificação quanto a identificação com o significante da branquitude podem ser alienantes, na primeira quando o sujeito toma o significante da branquitude como estrangeiro, um estranho que lhe foi imposto, negando e projetando para fora de si esse lugar de poder. Na segunda quando o sujeito se identifica de

maneira narcísica e perversa, passando a proteger essa identificação, pois através da paranoia sente qualquer diferença como uma ameaça a si, como no caso de supremacistas brancos.

Voltando ao exemplo de Reis (2019) a respeito da sensação que pessoas brancas sentem quando se aproxima um homem negro na rua a noite, nomear de racismo essa sensação de medo transmitida pelas gerações e não simbolizada, um medo do diferente do eu que ameaça a estabilidade narcísica; é uma forma de elaborar a sensação de medo (elemento  $\beta$ ) dando um significado (elemento  $\alpha$ ) de racismo. Tal elaboração auxilia na compreensão e na interrupção da sua transmissão. Propomos isso, com apoio de Kaes (2014) quando conceitua a ideia de pacto narcísico, a qual é uma aliança de gerações, sempre como uma imposição de uma lei dos antepassados, gerando em quem herda essa lei, uma sensação de dívida pela sua própria existência. É um pacto que é uma defesa contra a ferida narcísica insuportável na família e no grupo, uma ferida nos valores e identificações que os mantém coesos. Kaes (2014, p. 74) vai falar que “o não-representado que age na ruptura do contrato narcísico emerge como enigma e como estranheza inquietante no sujeito da relação”, esse enigma pode ser expresso nas sensações de medo e paranoia em relação a diferença do outro. É Bento (2002, p. 7) quem cria o conceito de “pacto narcísico da branquitude”, a qual afirma que “tudo se passa como se houvesse um pacto entre brancos, aqui chamado de pacto narcísico, que implica na negação, no evitamento do problema com vistas a manutenção de privilégios raciais”.

No trabalho de Bento (2002) percebemos que o pacto narcísico da

branquitude se serve de mecanismos de negação do racismo e dos privilégios de pessoas brancas, do medo que pessoas brancas sentem de se perceberem enquanto racistas, como opressoras. Para Bento (2002) o medo estrutura as relações raciais, é o medo do diferente e sua variante problemática, a paranoia, que é uma distorção na qual o medo aparece mesmo sem nenhuma ameaça. A culpa também estrutura as relações raciais, a psicanalista Melanie Suchet (2007, p. 884) propõe que a elaboração da “culpa branca” ocorre na renúncia da estrutura defensiva da posição esquizoparanóide, da culpa e da vergonha, permitindo, assim, um mergulho profundo nas contradições e atribulações da sua branquitude. Suchet (2007) ressalta que nossa branquitude nunca pode ser desfeita, mas pode ser interrompida sucessivamente. Com medo, paranoia e culpa, nós, pessoas brancas, mantemos nossos privilégios e, sem analisá-los de geração em geração, o poder da branquitude se atualiza e se refina. Portanto, é preciso pensar, elaborar e agir para romper com as teias inconscientes alienantes que nos tecem e sustentam as opressões.

#### Referências

- BENTO, M. A. S. **Pactos narcísicos no racismo**: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Tese (doutorado), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo). 169p. 2002.
- BION, W. R. Uma teoria sobre o pensar. Em: BION, W. R. **Estudos psicanalíticos revisados**. Tradução: Wellington M. de Melo Dantas. 3 ed. Rio de Janeiro: Imago, p.127-137, 1994a.
- BION, W. R. Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica. Em: BION, W. R. **Estudos psicanalíticos revisados**. Tradução: Wellington M. de Melo Dantas. 3 ed. Rio de Janeiro: Imago, p.55-77, 1994b.

- FREUD, S. Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise (1912). Em: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnicas e outros textos** (1911-1913). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p.192-293, 2010.
- FREUD, S. A repressão (1915). Em FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p.82-98, 2010a.
- FREUD, S. O Inconsciente (1915). Em: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p.99-151, 2010b.
- FREUD, S. O eu e o Id (1923). Em: FREUD, S. **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos** (1923-1925). Obras completas, volume 16. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p.13-75, 2011.
- FREUD, S. (1913). Totem e Tabu. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, p. 11-125, 1990.
- FREUD, S. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, p. 89-179, 1990.
- HORNEY, K. **Novos rumos na psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira, 1966.
- KAES, R. **As alianças inconscientes**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.
- KAES, R. Introdução: o sujeito da herança. Em KAES, R.; FAIMBERG, H., [et al.]. **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MINERBO, M. **Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica**. São Paulo: Blucher, 2019.
- OLIVER, K. **The colonization of psychic space**: a psychoanalytic social theory of Oppression. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2004.
- REIS, E. S. Transmissão transgeracional – subjetivação do trauma coletivo. **Primórdios**, v. 6, n. 6, p. 45-66, 2019. Disponível em: [http://cprj.com.br/primordios/06/05\\_Transmiss%C3%A3o%20transgeracionala.pdf](http://cprj.com.br/primordios/06/05_Transmiss%C3%A3o%20transgeracionala.pdf). Acesso em 16.03.2021.
- SANTOS, V. O. dos; GHAZZI, M. S. A transmissão psíquica geracional. **Psicol. cienc. prof.**, v.32, n.3, p.632-647, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ZbdMbmJG6Jb89fDGW8RGkKF/?lang=pt>. Acesso em: 16.03.2021.
- SCHUCMAN, L. V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo).160f. 2002.
- SCHUCMAN, L. V. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-94, Apr. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822014000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 16.03.2021.
- SUCHET, M. Unraveling Whiteness. **Psychoanalytic Dialogues**, v. 17, n. 6, p. 867–886, 2007. Disponível em: [https://events.insead.edu/emccc-alumni-forum/documents/unraveling-whiteness\(1\).pdf](https://events.insead.edu/emccc-alumni-forum/documents/unraveling-whiteness(1).pdf). Acesso em: 16.03.2021.
- ZIMERMAN, D. **Bion, da teoria à prática**: uma leitura didática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Recebido em 2021-04-12  
Publicado em 2021-09-01